

MULHERES NA IMPRENSA MINEIRA: UM ESTUDO SOBRE REPRESENTAÇÕES.

Kelly Cristina Nascimento¹ - PPG-UFMG

A proposta deste trabalho visa apresentar alguns aspectos centrais referentes ao estudo sobre as representações femininas transmitidas pela imprensa mineira – tanto a comum como a imprensa voltada para o público feminino - do final do século XIX e início do XX que vem sendo desenvolvido como dissertação de mestrado. Para tanto, serão enfocadas três temáticas centrais para a compreensão do discurso transmitido pela imprensa: moda e comportamento, educação e sufrágio.

Durante séculos a mulher foi vista como inferior ao homem e via de regra esteve à mercê de suas decisões. Até a segunda metade do século XIX, as mulheres mantiveram condições desprivilegiadas quanto ao homem na maioria das situações do cotidiano. A presença da mulher na sociedade ficava restrita ao lar, aos afazeres domésticos. Embora as questões referentes à emancipação feminina, direito à educação em nível superior, direito ao voto, etc, estarem presentes nos discursos de várias mulheres, principalmente por meio da imprensa, desde as primeiras décadas do século XIX, não havia um movimento organizado e sim vozes isoladas que mesmo assim conseguiam incomodar os mais conservadores. No início do século XX, o aumento da urbanização e da industrialização nas grandes cidades traz a mulher para o espaço público das ruas, dos acontecimentos sociais nos teatros, cafés e ao mundo do trabalho (RAGO: 1987). Neste momento surge em maior quantidade, textos sobre a mulher e também escritos por elas. O movimento pelos direitos da mulher começa então a se fortalecer no Brasil, principalmente entre as elites urbanas.

Ainda que o centro das discussões sobre a emancipação feminina estivesse concentrado nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, as mulheres mineiras também fizeram parte deste processo, já no século XIX. Estas mulheres de vanguarda enfrentaram o forte conservadorismo da sociedade mineira, tanto dos homens como de outras mulheres, que defendiam o papel da mulher até então estabelecidos e viam como transgressoras da

ordem e da família aquelas que contestavam a condição social da mulher de “Rainha do Lar”.

A imagem da mulher, mãe, dona de casa dedicada aos filhos e ao marido, religiosa, exemplo de integridade, era considerada a ideal pelas elites conservadoras mineiras. Muitas vezes, os jornais de maior circulação publicavam artigos reforçando esta idéia. O texto O homem e a mulher de Victor Hugo expressa muito bem a concepção de mulher *santificada* defendida pelos mineiros. Este texto foi publicado em diversos periódicos mineiros, o que mostra a relevância dada ao seu conteúdo:

O homem é a mais elevada das criaturas. A mulher o mais sublime dos Ideaes.
Deus fez para o homem um throno. Para a mulher um altar. O throno exalta; o altar santifica.
- O homem é o cerebro. A mulher o coração. O cerebro fabrica a luz; o coração produz o amor. A luz fecunda; o amor ressucita.
- O homem é o genio. A mulher é o anjo. O gênio é immensuravel, o anjo é indefinivel. Contempla-se o infinito; admira-se o ineffavel.
A inspiração do homem é a suprema gloria. A aspiração da mulher é a ventura extrema.
A gloria faz o immortal ;a virtude faz o divino.
-O homem tem a supremacia. A mulher tem a preferencia. A supremacia significa a força; a preferencia representa o direito.
-O homem é forte pela razão. A mulher é invencivel pelas lagrimas. A razão convence; a lagrima commove.
-O homem é capaz de todos os heroismos. A mulher é capaz de todos os martyrios. O heroismo enobrece; o martyrio sublima.
- O homem é um código. A mulher é um evangelho. O Código corrige. O evangelho aperfeiçoa.
- O homem é o templo. A mulher é o sacrario. Ante o templo descobrimo-nos; ante o sacrário ajoelhamo-nos.
- O homem pensa. A mulher sonha. Pensar é ter no cranio uma lava. Sonhar é ter na fonte uma aureola.
- O homem é o oceano.a mulher é o lago. O oceano tem a perola que adorna. O lago tem a poesia que deslumbra.
- O homem é a aguia que voa. A mulher é o ronxinol que canta. Voar é dominar o espaço. Cantar é conquistar a alma.
_ O homem tem um pharol a consciencia. A mulher tem uma estrella – a esperança. O pharol guia; a espereança salva.
Enfim o homem esta collocado onde termina a terra e a mulher onde começa o céu.²

A imagem da mãe dedicada era intocável. A maternidade não era questionável, o papel de mãe estava acima de qualquer discussão. Mesmo entre as mulheres que defendiam maior autonomia para as mulheres, a maternidade era sagrada. Uma mulher para se sentir *completa* deveria ser mãe.

Ser mãe é renunciar todos os prazeres mundanos, os requintes do luxo e da elegancia, é deixar de apparecer nos bailes em que a vigila se prolonga, o espirito se excita e o corpo se cança no goso das valsas; é não sahir por temer o sol, o vento, a chuva, na desgraçada dependencia do terror immenso de que a sua saude soffra e reflecta o mal na criança; é passar as noites num cuidado incessante, em somnos cortos, leves, com o pensamento sempre preso á mesma creaturinha rósea, pequena, macia, que lhe suga o sangue, que lhes magôa os braços, que a enfraquece, que a enche se sustos, de

trabalhos e de provações, mas que faz abençoar a ignota Providencia de a ter feito mulher para poder ser mãe.

Julia Lopes³

O século XIX – principalmente as suas últimas décadas - destaca-se por ser um período de mudanças na estrutura de nossa sociedade. Neste contexto, a moda assumiu grande importância para a mulher que morava nas cidades. A influência francesa nos hábitos e costumes se fez cada vez mais presente. Era comum usar expressões francesas nas conversas em lugares públicos –uma demonstração de refinamento. Roupas e acessórios quando não importados diretamente de Paris seguiam rigorosamente os padrões franceses.

Como LA DONNA- do Rigoletto- a moda deve ser <<MOBILE QUAL PIUMA AL VENTO>> para agradar às cabecinhas avidas de novidades de nossas gentis patrícias, sempre prontas para estrear uma blusa feita pelo ultimo figurino ou arregaçar o vestido com o *donaire* da pariziense que vem pintada no derradeiro numero da PETIT ECHO. E, vamos lá minhas senhoras, por mais graves e severas que sejamos, experimentamos sempre tal ou qual sensação de goso ao sentirmos vestidas com certa elegancia e portadoras na nossa TOILLETE de uma novidade qualquer.⁴

A moda foi para a mulher, uma das formas de reivindicar mudanças nos padrões sociais. A ousadia em encurtar os vestidos e os cabelos, em reforçar o contorno da maquiagem usando tons mais fortes, por exemplo, demonstrava de forma sutil o desejo das mulheres de mudança. As casas de modas passam a ser freqüentadas pelas mulheres que irão vestir os novos modelos e não mais pelos empregados em busca de encomendas.

Ao sair em busca de novos tecidos, chapéus e sapatos, as mulheres acabaram por construir um local de encontro quase que exclusivo. Nestes locais as mulheres podiam conversar, ver e serem vistas. A moda feminina das primeiras décadas do século XX rompe com o padrão estético do século XIX, fica mais ousada e insinuante. Os cabelos ficam mais curtos, os vestidos deixam as pernas à mostra, a maquiagem entra em cena definitivamente dia e noite. Por meio da imprensa, percebemos que as mudanças na moda feminina incomodaram a muitos, principalmente aos homens. Alguns se manifestaram indignados com os *exageros* da moda.

A moda é uma soberana, cujas ordens não soffrem opposição. Suas fantasias são leis, seus caprichos oráculos.⁵

As meninas da terra cada vez vão se tornando mais perigosa: para os outros e para si mesmas. Veem se ahi pelas nossas ruas decótes cada vez mais avantajados, e nos bondes, e nos 'footings' em suma, em toda parte por onde se anda, ahi está á mostra, aos olhos de quem queira ou não queira ve,os trajes menos decentes,numa exposição impiedosa e ambulante de braços e pernas...⁶

Mais do que do que incomodo, a moda foi para as mulheres um meio de inserção no espaço público, de emancipação. Ao assumir uma postura mais moderna, ousando na maneira de se vestir e se comportar, surge uma nova mulher, muito menos restrita.

A campanha em defesa de maior instrução para as mulheres, principalmente de sua inserção no ensino superior, acirrou ainda mais os ânimos. Muitos acreditavam que quanto mais esclarecida fosse uma mulher, menos condição ela teria para cumprir seu papel social de zeladora do lar e da família. Contudo muitas mulheres abraçaram esta causa e buscaram por meio da imprensa convencer a sociedade da importância da educação também para as mulheres.

É necessário ressaltarmos que a educação para meninas era muito inferior à oferecida aos meninos. As meninas permaneciam menos tempo na escola e tinham uma educação mais voltada aos compromissos domésticos. A primeira legislação referente à educação feminina foi criada em 1827. Foram criadas algumas escolas públicas para meninas e escolas normais para habilitar professores e professoras separadamente. Entretanto, somente em 1879 o governo permitiu o ingresso de mulheres no ensino superior.

O pioneiro jornal "O Sexo Feminino", criado em 1873 pela professora Francisca Senhorinha Motta Diniz em Campanha da Princesa, considerado o primeiro jornal feminista do Brasil, fez da defesa da instrução feminina uma das suas principais bandeiras em defesa da emancipação da mulher:

[...] Queremos a nossa emancipação - a regeneração dos costumes;
Queremos reaver nossos direitos perdidos;
Queremos a *educação* verdadeira que não se nos tem dado a fim de que possamos educar também nossos filhos;
Queremos a *instrução pura* para conhecermos nossos direitos, e delles usarmos em ocasião oportuna;
Queremos conhecer os negocios do nosso casal, para bem administrarmos- los quando a isso formos obrigadas;

Queremos em fim *saber* o que fazemos, o *porque e pelo que* das cousas;
Queremos ser companheiras de nossos maridos, e não escravas;
Queremos saber como se fazem os negocios fóra de casa;
Só o que não queremos é continuas a viver *enganadas*.

Francisca Senhorinha Da Motta Diniz⁷

A imprensa foi um dos meios que melhor permitiu a discussão a respeito da emancipação da mulher. Em diversas cidades de Minas Gerais, foram publicados periódicos voltados para o público feminino que recebia a designação de: *bello sexo, senhorinhas, damas*. Geralmente eram elaborados por homens. Como representantes desta imprensa voltada para as mulheres em Minas Gerais podemos citar os jornais A PÉROLA e A BONINA da cidade de Oliveira; A CAMÉLIA da cidade de Mar de Hespanha, O MIMO da cidade de Jaguaray; O ALFINETE da cidade de Sabará, VIOLETA da cidade de Belo Horizonte, dentre outros.

Em contrapartida, havia também jornais mineiros organizados por mulheres. Nestes, as mulheres expressavam suas opiniões, traziam novas indagações sobre a condição feminina no que dizia respeito aos seus direitos até então ignorados pela sociedade. Como grandes exemplos da produção feminina na imprensa temos o já citado jornal *O Sexo Feminino* da cidade de Campanha e o jornal *Voz Feminina* criado em 1900 na cidade de Diamantina. Ambos foram periódicos criados e produzidos apenas por mulheres que de forma aberta e ousada defenderam a emancipação da mulher. No primeiro número do jornal *Voz Feminina* esta postura já se apresentava claramente:

Estamos em uma d'essas epochas de transição em que as idéias tendem-se a renovar. Constitui hoje uma questão séria no mundo social – a mulher. Questiona-se, pensa-se, medita-se se ella deve ser emancipada, se deve ter os mesmos direitos que os homens. Lucta do sim e do não! Lutemos pelo primeiro.⁸

Em 1901, seguindo a mesma linha do jornal *O Sexo Feminino*, este jornal defende a campanha sufragista de forma entusiasmada:

[...] Para que um governo seja democrático, é necessário que todos que estejam sob seu domínio possam também agir sobre elle. Ou então tudo é absolutismo. Para ter liberdade de um povo é evidentemente necessario que seja o seu governo creado pelo suffragio e vontade de todo elle. Mas se apenas uma metade pode agir livremente, a outra agirá automaticamente; só a primeira é livre, a segunda escrava. São dois povos em um mesmo paiz: um livre e independente que conforme sua

vontade reina sobre o segundo. Os homens são os soberanos; a mulher continua a ser subdita.

Não queiramos entretanto antecipar os factos : preparemos-lhes o caminho e deixemos que *le monde marche*.

Assim como hoje nos espantamos de que os reis tivessem direito absoluto sobre os povos, que fosse legal o commercio de ente humano, achará a posteridade em nós muitos crimes que lastimar. Mas tanto é erro querer antecipar o futuro como injuriar o passado. O homem não descansa em seu andar para o progresso e liberdade. Mas é absurdo attingil os antes de enconral-os no tempo em que Deus os collocou. Assim, respeitando o passado, porque seus erros não foram crimes, almejemos o futuro que nos livrará das nossas faltas actuaes.

C. ⁹

Mesmo os periódicos que não eram voltados para as mulheres publicavam artigos sobre a mulher. Geralmente tinham uma postura mais conservadora, faziam crítica à moda, as danças, ao novo modo de comportamento feminino, que descaracterizada as qualidades femininas que se desejava preservar:

- Quem vem lá?
- Minha filha.
- Não!
- Minha esposa?
- Não!
- Minha tia?
- Também não!
- Mas então quem será?
- Minha mãe!!!

O extranho caso explica-se assim: Filha, esposa,tia e mãe, todas igualmente desnudas,pintadas e de cabelo cortado!

ó sociedade! ó Família ! para a tua completa derrocada, só lhes falta a *farra* conjugal, em forma de lei- o divórcio!¹⁰

A campanha sufragista recebeu várias críticas na maior parte dos jornais mineiros. Muitos traziam charges com deboches sobre a luta das mulheres pelo direito de votar:

Em Minas Novas, neste estado, tres senhoras alistaram-se eleitoras. Essas damas, feministas, jacobinas, consta, tratam de organizar a - malta flor da gente, - que prestará relevantes serviços em épocas eleitoraes.¹¹

As senhoras de Araguay requereram ao Juiz de Direito a inclusão de seus nomes na lista dos eleitores, obtendo porem, despacho contrario.

Não é a primeira tentativa do sexo fraco para tomar parte dos negocios publicos. Entretanto todas tem sido baldadas, pois o bom senso mesmo repelle que a mulher, que tem na familia e no lar a sublime missão de educar a creança, amoldando-lhe o caracter, desvie-se das suas naturais funções para imiscuir-se no vasto lodaçal da política corrupta e torpe.¹²

As críticas contrárias à emancipação da mulher, não partiam apenas dos homens. Muitas mulheres viam de forma negativa a efetiva participação feminina na vida pública, seja por meio do voto ou do trabalho. Para muitas mineiras, os papéis sociais do

homem e da mulher deveriam continuar da mesma forma que antes. Para algumas mulheres, a emancipação feminina feria os princípios da natureza.

[...] não penso que seja licito á mulher pretender emular com o homem em todos os misteres e profissões, nem ter o uso dos mesmos direitos. [...] para ensinar principalmente na primeira infancia, a mulher deve ser preferida. [...] a mulher deve ser instruida porque ella deve ser a primeira educadora de seus filhos e a collaboradora constante e efficaz de seu marido, missao que, parecendo sem brilho, é de transcendencia immensa...¹³

[...] creio eu que os homens não pretendem subjugar a mulher como quem doma um animal bravio[...] entendo que os dous sexos tem destinos diversos [...] Baralhar e confundir as funções seria perturbar a ordem da natureza [...] não creio, na mulher advogada, deputada ou juiza de direito, e rio-me, se figuro um tribunal do jury composto de mulheres.[...] A mulher tem uma grande e sublime missão a cumprir na familia e na sociedade, sem invadir a esphera de ação onde se agita o homem...¹⁴

Apresentamos nesta comunicação, apenas o princípio das discussões que pretendemos apresentar como dissertação de mestrado. Mesmo assim podemos concluir de antemão que as mulheres que durante os séculos XIX e XX no Brasil, afrontaram a sociedade e contestaram os papéis sociais que lhes eram impostos, tiveram que vencer grandes obstáculos para atingir seus ideais. A partir do momento que as mulheres passaram a ter voz opinativa - mesmo que inicialmente tenha sido uma voz muito tímida e pouco contestadora - elas firmaram seu lugar no espaço público da cidade. As primeiras vozes isoladas que ousaram enfrentar a sociedade em busca de seus direitos foram grandes exemplos para as gerações futuras que se organizaram fundando movimentos feministas no Brasil.

NOTAS

¹ Mestranda em História Social da Cultura pela UFMG.

² HEMEROTECA ASSIS CHATEAUBRIAND - Belo Horizonte, Jornal *Diário de Notícias*. "O homem e a mulher", 14/11/1907.

³ ARQUIVO DA BIBLIOTECA ANTÔNIO TÔRRES – IPHAN / Diamantina, Jornal *Pão de Santo Antônio*, "Ser mãe", 19/06/1915.

⁴ HEMEROTECA ASSIS CHATEAUBRIAND-Belo Horizonte, Jornal *A Violeta*, 09/09/1900.

⁵ ARQUIVO PÚBLICO DA CIDADE - Belo Horizonte. Revista *Vida de Minas*, 01/08/1925.

⁶ HEMEROTECA ASSIS CHATEAUBRIAND-Belo Horizonte, Jornal *União dos Moços*, 04/11/1927.

⁷ JORNAIS MINEIROS MICROFILMADOS PELA BIBLIOTECA NACIONAL- SEÇÃO DE PERIÓDICOS- BIBLIOTECA DA FAFICH/ UFMG. Jornal. *O Sexo Feminino*, "O que queremos" 25/10/1873.

⁸ ARQUIVO DA BIBLIOTECA ANTÔNIO TÔRRES – IPHAN / Diamantina, Jornal *O Município*, 08/05/1900.

⁹ – ARQUIVO DA BIBLIOTECA ANTÔNIO TÔRRES – IPHAN / Diamantina, Jornal *Voz Feminina*, "Pela Mulher", 16/04/1901.

¹⁰ ARQUIVO DA BIBLIOTECA ANTÔNIO TÔRRES – IPHAN / Diamantina, Jornal *Pão de Santo Antonio*, "Coisas & Coisas", 17/010/1926.

¹¹ HEMEROTECA ASSIS CHATEAUBRIAND-Belo Horizonte, Jornal *O Alfinete*. 17/04/1907.

¹² ARQUIVO DA BIBLIOTECA ANTÔNIO TÔRRES – IPHAN / Diamantina, Jornal *Itambé*, "Mulheres eleitoras", 14/02/1904.

¹³ ARQUIVO PÚBLICO DA CIDADE DE BELO HORIZONTE, Revista *Vida de Minas*, "Cartas de uma senhora", 10/11/1915.

¹⁴ ARQUIVO PÚBLICO DA CIDADE DE BELO HORIZONTE, Revista *Vida de Minas*, "Cartas de uma senhora", 25/12/1915.